

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 29 de janeiro de 2014**

Texto de referência: L. Giussani, “A concepção que Jesus tem da vida”, em Na Origem da Pretensão Cristã, Cia Ilimitada, São Paulo 2012, pp. 122-136.

- *Noi non sappiamo chi era*
- *Give Me Jesus*

Glória

Carrón: Tínhamos dado como trabalho para hoje, do ponto 2 – depois da premissa – em diante. Chegaram muitas perguntas, sobretudo pedindo esclarecimento sobre o ponto decisivo da premissa: o que é a genialidade humana sobre a qual Dom Giussani insiste como condição para poder entender quem é Jesus (isto é, tudo o que será dito no decorrer do capítulo). É claro para todos que essa genialidade humana não é uma espontaneidade, como diz Dom Giussani: não é um nível de santidade ou de irrepreensibilidade ética. Por isso, eu disse que este capítulo não diz respeito substancialmente a esta irrepreensibilidade que normalmente concebemos como moral ou como moralismo. Os Evangelhos estarão sempre aí testemunhando que pode haver mais abertura nos publicanos (que não eram de modo algum irrepreensíveis, pois eram ladrões) do que nos fariseus (que pareciam mais irrepreensíveis). A genialidade humana da qual fala Giussani é uma abertura. Neste sentido, é possível chamar de moral, mas moral no sentido descrito no terceiro capítulo de *O senso religioso*: a moralidade no conhecimento, isto é, a abertura que torna possível o conhecimento. Portanto, este capítulo não fala de instruções de uso, mas daquela postura que permite, depois, interceptar Jesus. Como Dom Giussani diz que é necessário que essa genialidade, não espontânea, seja constantemente educada e solicitada, a pergunta que emerge é esta: de que modo é possível educar tal genialidade em nós? O quê a solicita? Qual o trabalho a ser feito?

Colocação: *Fiquei confuso na última Escola de Comunidade quando você disse que é preciso um empenho para manter escancarada a nossa abertura original, senão não percebemos aquilo que acontece.*

Carrón: “Não percebemos aquilo que acontece”.

Colocação: *A pergunta é: como se faz isso? Porque, para mim, esse sempre foi o ponto crucial.*

Carrón: Não “para você”: para todos é “o” ponto crucial! Porque sem isso, as coisas acontecem na nossa frente e nós não as percebemos.

Colocação: *Parece-me que nas várias modalidades com as quais o Mistério sempre me agarrou, essa disponibilidade tenha sido, em última instância, uma graça, algo que me é dado, quer dizer, parece que eu não sou capaz de me comover, de me deixar ferir pelas coisas. Parece que é só quando tenho a graça de ser tão tocado a ponto de ter uma ferida assim escancarada que, aderindo com toda a minha liberdade (e, para mim, essa sempre foi a passagem mais difícil e não óbvia), posso começar a viver realmente. Essa capacidade de chegar tão no fundo de mim, de chegar a me perguntar o que realmente me basta, de ir até o fundo das coisas, parece que eu não possuo por mim mesmo, uma vez que é totalmente um dom. Quer dizer, se o Mistério pode realmente chegar a usar da aridez que está me caracterizando ultimamente para me fazer mais Seu, então que venha, realmente aceito isso também. Só que eu não entendo por quê. O que experimentei é que dizendo sim, sobretudo em muitas circunstâncias humanamente muito difíceis, minha vida floresceu. Não entendi porque o Mistério tenha passado através dessas circunstâncias difíceis, e também não entendo a aridez que vivo agora. Há apenas uma diferença: antes, nas circunstâncias difíceis pelas quais passei, o cêntuplo estava no instante, enquanto que, agora, me parece que não existe mais. A radicalidade da proposta que você está nos fazendo é objetivamente mais que isso e é por isso que preciso ser corrigido.*

Carrón: O que ajuda você?

Colocação: *Agora, o que está me ajudando mais é o relacionamento com os meus amigos.*

Carrón: O que isso significa?

Colocação: *Porque me parece que...*

Carrón: O relacionamento com quais amigos? Que característica têm seus amigos?

Colocação: *Eles encontraram aquilo que eu encontrei.*

Carrón: Então, em que sentido você é educado? Como esse seu dote natural é constantemente educado? Através de quem? Basta olhar para a experiência, mas normalmente não nos damos conta: é porque você constantemente se abre e se escancara que consegue surpreender em algo de absolutamente único e pode viver as circunstâncias de um modo diferente. Não é verdade?

Colocação: *Sim.*

Carrón: Ponto. Então, você diz: isso é um dom. Justo. Mas também é uma abertura sua, da sua liberdade. Certo?

Colocação: *Sim.*

Carrón: Por isso, o Mistério nos educa através deste dom que constantemente nos solicita, mas que deve ser acolhido com essa abertura total. Explico-me? E esse gesto de acolher é seu, seu, seu e seu! O Mistério pode escancarar tudo para você, como muitas vezes acontece, mas dizer sim – como você diz –, isso é seu. E só dizendo “sim”, somos educados.

Colocação: *Porém, o problema é quando você não está escancarado, quando as coisas parecem distantes.*

Carrón: Não, você não pode voltar atrás! Se está escancarado, está escancarado. Se você é tocado por alguma coisa, foi tocado, não pode dizer, agora, que não foi tocado: foi tocado, portanto estava escancarado, curioso, aberto. Um instante após essa abertura, você pode dizer: “Não”, ou pode dizer: “Sim”. Mas você não pode evitar que algo o toque. Por isso, o que nos solicita? Somos solicitados – nos diz sempre Dom Giussani, e por isso repito sempre o valor metodológico do décimo capítulo de *O senso religioso* –, somos constantemente solicitados pela realidade: primeiro, é a realidade que desperta constantemente o maravilhamento diante do real; e, segundo, na realidade, a presença mais real de todas se chama “Cristo”. Explico-me? Somos solicitados constantemente, mas precisamos constantemente acolher. E isso depende de você e depende de mim, entende?

Colocação: *Sim.*

Carrón: Por isso, cada um deve identificar onde a sua vida foi escancarada novamente, não importa o que tenha acontecido ontem. Posso estar diante de um belíssimo dia que reabre o desafio, posso me encontrar diante de uma presença que reabre o desafio porque sua maneira de estar na realidade me toca, e isso pode acontecer através de qualquer coisa. Um de vocês me escreveu: “Obrigado pela última Escola de Comunidade porque este capítulo se revelou como uma novidade surpreendente que me encheu de maravilha e gratidão [é isso: alguém pode vir aqui e lhe acontecer isso]. Quando reconheci essa novidade, fiquei exultante porque pude resgatar o sinal inconfundível da experiência: o acontecimento da Sua presença, que exalta o eu, gera um desejo de aprofundamento, de conhecimento, de abraçar novamente a vida com uma simplicidade mais límpida e uma operosidade mais alegre [quer dizer, acontece um fato onde eu posso fazer experiência daquilo que o texto diz, e não simplesmente assumir como verdadeiras as coisas que leio no texto sem que se tornem incidentes na vida; não, aqui não, aqui começamos a tocar com as mãos – com muitos de vocês acontece assim – que, exatamente porque acontece como experiência, incide na vida]. E como é desejável tornar estável, isto é, viva e consciente, essa abertura original à qual Dom Giussani nos chama! Quanto há de desejo nessa abertura! Para mim, nos momentos mais dolorosos e escuros, ela é cheia de pedido [até nos momentos mais escuros pode ser plena de pedido, de súplica]: ‘Dá-me a vida porque sem Ti não posso fazer nada’. E muito frequentemente, essa abertura é dominada pela espera, uma espera que, na medida em que é consciente, é desprovida de qualquer pretensão. Quando cedo à distração [ao invés do pedido], ao hábito, à obriedade, tudo se torna árido, a espera se torna pretensão e nasce a lamentação, mesmo surda, oculta [tudo se torna árido!]. Assim, a inevitável aridez que toma conta do eu permite entender que a abertura não é espontaneidade automática [é assim: o eu pode se tornar árido porque sempre envolve a liberdade, não é

espontaneidade pura, pode se tornar árido]. Essa também é uma experiência necessária. Então, como manter desperta e escancarada essa abertura original solicitada e ordenada? Para mim, a maior ajuda é ler os textos de Dom Gius. Agora, ler a sua biografia me faz viver a experiência dos discípulos de Emaús: ‘Por acaso o coração não ardia em nosso peito enquanto conversava conosco?’, é um ímpeto de beleza que exalta a vida [porque é a comunicação de uma experiência que me arrasta e me escancara]. E percebo que tudo isso encontra na Escola de Comunidade uma ajuda potente a não se tornar um acontecimento sentimental sem consequências estáveis. É um trabalho crítico que inevitavelmente implica fadiga, que me ajuda a tornar conscientes e, portanto meus, os passos a serem dados. Não era sem motivo que Jesus perguntava a todos os que iam encontrar João Batista: ‘O que vocês foram ver no deserto? Uma cana agitada pelo vento? E, então, o que foram ver? Um profeta?’. [Jesus incita os discípulos ajudando-os a ir até o fundo daquilo que os levou a ir encontrar João Batista: ‘O que vocês foram ver?’. ‘Um profeta’. ‘Vos digo: mais do que um profeta!’]? Ou quando diz a eles: ‘Vocês também querem ir embora?’”. Jesus exorta a ir a fundo. E quando alguém vê isso em ato, vive uma abertura, como conta uma menina que, depois de ter visto o programa de *Vidas Extraordinárias* dedicado a Dom Giussani (de 2007 e postado agora no site de CL), escreve este e-mail: “Eu não sou do Movimento, pelo menos ainda não. Mas o que vi e vejo em todos vocês é algo grande, que nunca tinha visto na minha vida [essa menina não está fazendo reflexões sobre o texto, não está repetindo as coisas – embora verdadeiras – que ouviu dizer; não, está olhando para uma experiência, algo que está acontecendo agora]. Eu fazia parte de outro movimento quando morava na minha cidade, portanto, já conhecia a realidade dos movimentos religiosos; mas algo tão real e concreto, nunca tinha encontrado. É impossível não reconhecer que o que move vocês, que move todo o mundo, é um desejo fortíssimo de ser felizes e, inevitavelmente, isso se traduz no seguimento de Cristo. Graças a esse documentário que acabei de ver, entendi muitas coisas que antes eu conhecia, mas não entendia até o fundo: não entendia o que significa Cristo, que Cristo não veio para trazer paz, mas guerra, não entendia o que quer dizer que o primeiro amor em nós é Ele, não compreendia o sentido da expressão ‘ser coerente consigo mesmo até o fundo’, não entendia muitas coisas. Desde que conheci o grupo dos universitários (CLU), cresci muito e descobri essa nova realidade belíssima que prende e eleva, mais do que qualquer possível desejo humano [olhem, é isso que escancara: uma realidade presente que prende e eleva, mais alto do que qualquer possível desejo humano!], essa realidade que nos pede para sermos fiéis a nós mesmos em todo o nosso desejo. É por isso que quando, no fim, ouvi a jornalista lhe perguntar se os jovens de hoje são sensíveis ao carisma de CL como aqueles que conheceram Dom Giussani, não pude deixar de exclamar: ‘É impossível não ser!’. Pareceu-me evidente como a luz do sol que essa verdade que comunicamos atrai qualquer pessoa que tenha um coração aberto e desejoso, mesmo que talvez ainda não tenha se dado conta. Não escondo que, pensando na época em que vivemos, sinto-me terrivelmente desmotivada e descrente porque tudo gira em torno de uma superficialidade que tenta reduzir o desejo, porque todos os dias somos atacados sem trégua de todos os lados por cada mínima coisa que possa servir para nos derrubar, e me sinto perdida. Ainda não li a parte de *Na origem da pretensão cristã* que deve ser trabalhada na próxima Escola de Comunidade, mas há algum tempo tenho uma pergunta que urge: como faço para ser fiel a mim mesma em uma época assim? Sinto-me impotente e tenho medo de acabar me resignando a este mundo que quer arrancar de nós o desejo maior. Tenho medo de me acostumar com o fato de que talvez eu não possa fazer nada”. Respondo: faça o que você foi capaz de fazer até agora, isto é, reconhecer uma experiência presente que nem mesmo os ataques recebidos podem anular. É uma experiência tal que é mais potente do que qualquer ataque. Essa amiga vê o risco, que todos corremos, da redução do desejo, porque na situação cultural em que vivemos – como Dom Giussani sempre identificou – o que o poder tenta fazer? Tenta reduzir o desejo e nos transformar em resignados. Por isso, essa menina não está errada quando vê agora, no presente (não no passado!), pessoas que têm esse desejo e por isso é capturada, é elevada, mais alto do que qualquer possível desejo humano. É a isto que o capítulo 8 tenta responder e que ainda temos dificuldade de entender.

Por isso, leio esse outro e-mail, para passar ao ponto que devemos trabalhar hoje: “Queria dizer que, apesar de tudo o que foi dito na última Escola de Comunidade, continuo tendo dificuldade para entender o oitavo capítulo. Vislumbro apenas alguns relances que têm ligação com aquilo que estou vivendo [cada um pode tirar do capítulo um trecho ou outro, é cheio de detalhes, é uma riqueza sem fim de onde se pode colher algum episódio], mas no fim não consigo perceber nada que ilumine minha experiência; é como se eu não O conhecesse mais [se este capítulo é colocado no final do percurso da fé, isto é, no fim do percurso para conhecê-Lo mais e nos ajudar a decidir se acreditamos ou não, se eu não O conheço mais, para que serve este capítulo?]. Isso é grave, antes de tudo porque, como você dizia, ‘o relacionamento com Ele não se consolida’, que é a coisa que é mais urgente para mim. Então, me perguntei: por que Dom Giussani escreveu esse livro e esse capítulo? Reli o prefácio do livro e, ali, no prefácio, diz o seguinte: ‘Um raciocínio abstrato não é o que faz crescer; o que faz se expandir a mente é encontrar, na humanidade, um momento de verdade que se alcançou e ao qual se deu expressão’ [como descobriu a garota do e-mail anterior: o que alarga e escancara a razão é encontrar na humanidade, isto é, no presente, em alguém, na humanidade de alguém, um momento de verdade alcançada e expressa: exatamente porque é alcançada, é possível falar dela de algum modo, do contrário sequer seria possível falar sobre ela!]. E Dom Giussani continua: ‘É essa grande inversão de método que marca a passagem do senso religioso à fé: não é mais uma busca cheia de incógnitas, mas a surpresa de um fato acontecido na história humana’. Esta última coisa é o que absolutamente mais me interessa na vida, isto é, que aquilo que me fez começar se torne familiar [quem não deseja isso?] como minha mãe e meu pai; e entendi que preciso recuperar as razões de uma fé consciente e madura, que não tenho. Por isso, pensei em refazer o percurso do livro desde o início”. No caminho indicado por Dom Giussani, Cristo se torna familiar como o relacionamento com a própria mãe ou com o próprio pai: no tempo, torna-se mais constitutivo de si. A verdadeira questão, portanto, é: Cristo tornou-se mais familiar? O problema é que não basta apenas reler o livro desde o início – contradizendo aquilo que ela cita na frase anterior –, mas é preciso encontrar no presente um momento de verdade alcançada e expressa. Senão, podemos continuar afirmando coisas como sendo verdadeiras, mas que não são experiência, porque não é o que escancara o coração. De fato, o ponto 2, depois da premissa (entendem porque Dom Giussani dá tanta importância à premissa?), começa assim – por isso, é um problema de conhecimento! –: “Quem é Jesus?”. A pergunta à qual este capítulo pretende responder é: quem é Jesus? A questão é como eu, lendo o capítulo, reconheço mais quem é Jesus. Não interessa todos os nossos comentários, se fazemos bem isso ou aquilo; não, mas: quem é Jesus? “A pergunta foi feita. E Ele responde”. Como eu respondo, hoje, a essa pergunta? Lendo o capítulo e fazendo experiência do que ele diz, não assumindo como verdadeiras as coisas só porque são afirmadas pelo capítulo, mas porque é algo experimentado no presente. E cada um deve se perguntar, depois deste mês, como responderia se alguém lhe perguntasse: em quê você entendeu mais quem é Jesus? Com que fatos você pode responder a essa pergunta? O que você viu durante este mês para poder dizer que conheceu mais Jesus neste ou em qualquer outro mês? Em que se vê? Senão, podemos prescindir do livro de Escola de Comunidade e fazer nossos comentários, ou transformar o livro em uma referência para fazer nossos comentários. Não, não, não, a pergunta é: quem é Jesus? E Ele responde “revelando-se através de todos os gestos da Sua personalidade” (*Na origem da pretensão cristã*, Cia. Ilimitada, 2012, p. 122). Como Jesus se revelou no presente? Através dos gestos onde nós pudemos percebê-lo.

Colocação: *Eu percebi isso, de modo particular, indo encontrar um amigo porque, movido também pelos avisos da última Escola de Comunidade, quando você falou do vídeo pelos 60 anos do Movimento...*

Carrón: Ainda bem que alguém leva o vídeo a sério...

Colocação: *Comecei a ligar para os amigos dizendo: “Olhe que é uma ocasião que diz respeito a todos nós”. Entre esses amigos, liguei também para um que responsável por um estábulo, no campo. E ele me respondeu: “Venha me encontrar na fazenda no domingo às seis da manhã”. Fui*

com alguns amigos: saímos às cinco e chegamos lá às seis. Acompanhamos seu dia de trabalho, o que ele faz, todas as atividades.

Carrón: Trabalho duro.

Colocação: Trabalho duro.

Carrón: Muito mesmo.

Colocação: *Ele também trabalha nos feriados das seis da manhã às sete da noite, no sábado das seis da manhã às quatro e no domingo das seis da manhã ao meio-dia. E a coisa espetacular é a expressão que tem enquanto trabalha. De fato, no fim da manhã que passei com ele, eu lhe perguntei: “Não é pesado para você, vir trabalhar aos domingos? Por que não?”. Ele disse: “Fiquei muito impressionado quando li uma afirmação de Dom Giussani na página 39 do livro Vita di don Giussani: ‘Aquilo de que tudo é feito tornou-se um de nós. Então, alguém que O encontra deveria rodar o mundo e gritá-lo a todos. Mas a pessoa pode rodar o mundo gritando-o a todos, estando no lugar em que Cristo a colocou’. Entende? Então, isso quer dizer fazer bem o meu trabalho, cuidar bem das vacas, fazer meu chefe ganhar mais. Além disso, para quem encontrou Cristo, todo dia é domingo. Realmente, não me pesa vir trabalhar aos domingos”. Nesse momento, eu encontrei o sinal, o vi acontecer ali, diante dos meus olhos, em carne e osso.*

Carrón: Por quê?

Colocação: *Porque é realmente verdade que só o divino salva o humano. Uma coisa assim não é normal.*

Carrón: Só o divino salva o humano. Não como citação que todos podemos fazer para depois sufocar com as vacas – cada um tem as suas! –, mas tendo respiro no estábulo. Diferente de simplesmente afirmar as coisas como verdadeiras e não fazer experiência! Só quem faz essa experiência entende quem é Jesus, pode responder à pergunta: quem é Jesus? Não com uma frase teológica, mas porque Ele se revela nas suas vísceras, naquilo que você vive todos os dias. E nós sabemos quem é Jesus se isso, hoje, é uma experiência para nós, porque só o divino pode salvar o humano, as dimensões da figura humana, para não se tornar vaca entre as vacas, reduzindo os próprios desejos e vivendo na lamentação e na resignação. E, então, “o coração ‘moral’ [não moralista, não irrepreensível eticamente] percebe o sinal da Presença do seu Senhor” (*idem*, p. 123). Percebe-o agora, no presente, entre as vacas, não esperando que termine o trabalho com as vacas para começar a viver; entre as vacas! Esse é o olhar que Jesus trouxe à história. Por isso, encontrar esse olhar é aquilo que nos faz conhecer Jesus. Por quê? Porque Jesus, diz o texto da Escola de Comunidade, identificou aquele fator fundamental pelo qual “o mundo inteiro não vale tanto quanto a menor pessoa humana” (*idem*), nada no universo é comparável a ela. A pessoa pode fazer o trabalho que quiser (ou aquele que a realidade lhe permite fazer), mas ali, no pequeno particular, Jesus identifica um fator fundamental a fim de que essa pessoa possa viver as dimensões do mundo, e nenhum poder deste mundo jamais poderá cancelar isso dessa pessoa, porque ninguém pode cancelar a potência que esse olhar introduziu na vida. Nisso se demonstra o seguinte: o fato de que alguém possa fazer uma experiência assim, diz até que ponto é verdade que “Estarei com vocês todos os dias até o fim do mundo”. Porque sem a presença de Jesus agora, nós não podemos fazer essa experiência. Por isso, nos vem o medo do conformismo, nos vem o medo de decair. Mas Jesus olha sempre para o ponto fundamental, o ponto inflamado ao qual nada se compara no universo. Por quê? Porque “todo homem possui um princípio original e irreduzível” (*idem*). É isso que lhe dá valor. E o que é que domina? Que – contradizendo a mentalidade dominante – o valor da pessoa não são as reações que ela pode ter, mas algo que ninguém pode atribuir-lhe e ninguém pode lhe tirar. E eu, no meio do estábulo, ou na prisão, ou enfrentando uma doença, ou na dificuldade do estudo, ou no trabalho pesado não perco – nunca! – aquele fator que torna a minha pessoa única. E onde é possível ver que Jesus concede esse valor à pessoa? Na paixão pelo indivíduo, no ímpeto pela felicidade de cada um de nós, quando vemos que alguém nos olha assim, quando nos encontramos com alguém que nos fala da vida desse modo, que desperta em nós todo o desejo da nossa felicidade, que poderia já estar no nível mínimo. Então, nós começamos de novo a fazer experiência de Cristo no presente. Por quê? Porque para Ele o problema da existência do mundo é a felicidade de cada homem, porque todo o resto... Ele poderia ter criado uma infinidade de outras

espécies, mas Ele criou o homem, e tudo depende dessa felicidade de cada indivíduo. Por isso, emerge a pergunta que tanto impressiona no Evangelho (e que Dom Giussani nos respondeu de modo tão espetacular): “Que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro, mas perder a sua vida?” (*idem*, pp. 123-124). Nessa pergunta se verifica quem é Jesus. Que olhar Dom Giussani tem diante dessa pergunta, que muitas vezes lemos apenas com sentido moralista! Ao contrário, Giussani a percebe no sentido mais fascinante: “Nenhuma ternura [...] investiu o coração do homem mais que essa palavra de Cristo, apaixonado pela vida do homem” (*idem*, p. 124). Mas, quando lemos essa frase, muitas vezes não é essa ternura o que sentimos por nós. Só quando alguém a repete para nós, temos a possibilidade de conseguir perceber a ternura que está dentro dessa frase, porque é como dizer: “Você não se dá conta para o que foi feito, qual é a grandeza para a qual foi feito?”. Olhem que Dom Giussani diz que “ouvir [essas] [...] perguntas feitas por Jesus representa a primeira obediência à nossa natureza” (*idem*). Quer dizer: a pergunta de Jesus (“Que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro, mas perder a sua vida?”) coincide com a nossa natureza, com o nosso coração, que é exigência de felicidade. Jesus olha toda a nossa natureza e vê muito mais, a estima muito mais do que nós conseguimos fazer. Por isso, Giussani diz: “Se formos surdos [a essas perguntas, a essa natureza do eu] [...] bloquearemos as experiências humanas mais significativas” (*idem*), a vida se reduz, torna-se aridez. Quando renunciamos a viver à altura desses desejos tudo se torna achatado. Ao contrário, o sinal mais evidente da presença de Jesus, da estima, da paixão de Jesus, é encontrar no presente alguém que, despertado por Ele, vive, não porque não erra mais, mas porque nunca desiste de viver à altura desses desejos. E, isso, por quê? Porque “o motivo último que leva a amar a si e aos outros é o mistério do *eu*” (*idem*). Giussani sempre volta a isto: a única coisa que pode nos convencer a levar a sério inclusive as perguntas de Jesus, a levar a sério essa modalidade, essa paixão de Cristo pela felicidade de cada um, é o amor a nós mesmos como destino, isto é, o querer bem a nós mesmos. Sem isso, é impossível que possamos conhecê-Lo. E isso pode acontecer através do último que chega, como me escreve uma de vocês: “Fiquei incomodada depois da última Escola de Comunidade, como sempre acontece quando aquilo que você diz não faz eco a uma experiência. Depois, me aconteceu o seguinte: tenho uma sobrinha que frequenta o grupo dos colegiais, mas de modo superficial e, a meu ver, com pouca convicção. No dia 28 de dezembro ela voltou de um final de semana de férias, exatamente com os colegiais, e nos contou que, depois de ter escutado um testemunho sentiu-se tão interpelada, tão ‘olhada’, que embora as pernas tremessem, ‘precisou’ falar na última Assembleia para dizer que, sim, apesar dos seus problemas, não podia deixar de querer ser feliz. O divino, para se mostrar a mim, escolheu essa menina e me encheu de maravilha e gratidão”. O último que chega pode ser aquele que nos testemunha melhor do que todos os outros a presença de Cristo. O que tocou essa amiga? Ver um momento de verdade alcançado e expresso por essa menina, isto é, um fato presente que, inevitavelmente, desperta em quem o vê tudo quanto deseja. Isso mostra até que ponto nós, diz Giussani, dependemos. Em que consiste esse relacionamento que Jesus vê? Onde se funda o valor da pessoa? Funda-se na evidência de que dependemos. E isso não nos deixa tranquilos. Muitos perguntam: “Essa dependência é uma conveniência ou um peso?”. Cada um deve se confrontar com todos os desafios e com todas as perguntas. Leio um e-mail: “Realmente, me desagrada, não estou de acordo sobre a questão da dependência [juízo claro]! Não consigo dizer que a dependência é o que mais convém à minha vida, é aquilo que é mais conveniente na vida. De fato, sempre me acontece, a cada momento, perceber essa dependência, isto é, a minha impossibilidade de depender só de mim, vejo, a cada instante, a minha fragilidade e incapacidade. Dizer que isso me liberta, é falso. Por favor, pode explicar o que você quer dizer quando fala de dependência? Porque, para mim, não é uma conveniência, mas um peso. Desejaria um pouco de autossuficiência, porque agora, para qualquer lugar que eu me vire, minha necessidade de dependência aparece e me faz sofrer. Se você pudesse esclarecer esse tema, eu agradeceria”. Um outro e-mail diz a mesma coisa: “Como é difícil deixar-se fazer por um Outro, isto é, depender”. Por isso, queria ler uma carta onde um de vocês conta sua experiência no hospital: “Depois de ter tomado o primeiro coquetel de remédios do dia, com a intenção declarada de não querer falar com ninguém, nem ao telefone nem de outra forma, peguei o livro de Escola de Comunidade e li os pontos sobre os quais nos pediu para

trabalhar e quando cheguei no item ‘A dependência original’, não consegui mais ir em frente. Ler que o homem é relacionamento direto e exclusivo com Deus causou-me um sobressalto. Nem sei quantas vezes ouvi essa frase. Mas, relê-la na situação em que me encontrava, cheio de raiva, mas também inconscientemente indefeso [com raiva, mas indefeso: percebem a fresta por onde Mistério entra?], era aquilo que gostaria de ouvir [muitas vezes dizemos que não estamos de acordo, que a dependência é um peso, até que chega um momento no qual nos damos conta de que o fato de existir Alguém maior do que nós, de quem dependemos, é o que verdadeiramente queremos ouvir]. Comecei a levantar a cabeça outra vez e a olhar tudo com essa frase diante dos olhos. Que eu sou relacionamento exclusivo e direto com Deus quer dizer que há um Tu real ao qual posso me dirigir, posso pedir para entender, posso perguntar, posso ficar com raiva porque não entendo; mas existe e me quer ali onde estou e como sou, e me fala através daquilo que me acontece. Comecei a viver esses dias assim, obrigado a ficar no hospital para ser monitorado por causa de um pequeno problema, obedecendo àquilo que Ele, naquele momento, me pedia e também olhando de tal modo para o meu companheiro de quarto de 65 anos, que ele chorou quando nos despedimos, porque eu estava indo embora (eu não fiz nada para me tornar mais simpático). Quando voltei para casa, tive medo de que o que tinha vivido fosse um autoconvencimento, mas paradoxalmente percebi, depois, retomando a vida normal, que na cama de hospital, com o coração cheio de perguntas, mas com a certeza desse relacionamento, tendia completamente a não perder um só segundo de tempo daquele dia enfadonho, enquanto, normalmente sequer me dou conta do tempo que perco. E, inacreditavelmente – digo isso com tremor – tive saudade daqueles dias e daquela tendência que me fazia pedir, me fazia estar contente. É completamente diferente viver a dependência com a consciência desse relacionamento e não porque deve simplesmente tomar os remédios”. Viver a dependência nos convém ou é um peso? Às pessoas que me escreveram, pelo menos saibam que há outra possibilidade de vivê-la: não como um peso, mas como uma conveniência. E quando elas se encontrarem em uma circunstância que facilite essa possibilidade de abertura, elas também verão isso na própria vida. É assim. Por isso vocês entendem por que ter essa abertura é crucial para conhecer Jesus, porque nós podemos dizer quem é Jesus se vemos acontecer isso em nós. Como diz o ponto 3, no início: “A insistência sobre a religiosidade é o primeiro dever do educador, isto é, do amigo, daquele que ama e quer ajudar o homem no caminho rumo ao seu destino. [...] Não podemos começar a compreender o cristianismo a não ser partindo dessa [...] paixão [pela] pessoa humana” (*idem*, p. 128). Cada um pode ver os amigos que tem, exatamente na medida em que o ajudam a que essa religiosidade reaconteça constantemente em si. Assim, a pessoa pode ir encontrar um amigo num estábulo e ver isso reacontecer em si, não porque ele faça um discurso sobre a religiosidade, mas porque a religiosidade acontece quando a pessoa encontra uma humanidade alcançada e expressa, quando se vê diante de um fato presente que, não sabe como, o reabre. E, então, a pessoa começa a ver quem é Jesus exatamente por causa da novidade que é reaberta em sua vida. Continuaremos a trabalhar sobre este capítulo porque, como vocês veem, podemos passar o ano inteiro neste trabalho. É inesgotável. Por isso, não o consideremos óbvio, porque deve ser totalmente descoberto, é uma novidade em cada linha.

AVISOS

A próxima Escola de Comunidade será na quarta-feira, 26 de fevereiro, às 21:30 e continuaremos o trabalho sobre o capítulo 8, a parte que resta do capítulo (pp. 136-146).

Vídeo pelo 60º aniversário de nascimento de Comunhão e Libertação. Depois do que escutamos, me parece que todos podem sentir-se já convidados a fazer um vídeo. Para dar mais tempo para a realização dos filmes, a data limite para postá-los no site foi prorrogada para final de fevereiro.

Lembro que não é preciso ser profissionais para realizá-los. É necessário apenas o ímpeto de uma paixão por documentar aquilo que somos, não é preciso contar outra coisa, basta que cada um possa dar testemunhos para que possam ser realmente úteis a tantas pessoas que poderão assisti-los. A

proposta, portanto, diz respeito a todos, exatamente por essa paixão missionária. Por que fazemos esse vídeo? Não para fazer nos exibirmos, mas – como dizia nosso amigo, citando Giussani –para poder compartilhar com os outros aquilo que nós conhecemos. Por isso, diz respeito a todos, não apenas aos “experts” em vídeo.

27 de abril: canonização de João Paulo II e João XXIII. A celebração da Santa Missa com o papa Francisco acontecerá na praça São Pedro, em Roma, com provável início às 10:00 (logo após, haverá a récita do *Regina Coeli*).

Para a participação, o Vaticano não dispôs nenhum bilhete para entrar na praça São Pedro (lembramos que, por ocasião da beatificação de João Paulo II, a rua da Conciliação já estava cheia de peregrinos na noite anterior). Quando tivermos outras indicações, as comunicaremos.

10 de maio: Encontro com o papa Francisco para o mundo da escola. O encontro com o Papa, organizado pela Conferência Episcopal Italiana para todo o mundo da escola (professores, pais, estudantes), acontecerá na praça São Pedro, em Roma, das 15:00 às 18:30.

O tema da educação – tão importante para a nossa história – está particularmente no centro das atenções do papa Francisco, como já ficou claro em diversas colocações suas. Quando tivermos outras informações, as daremos a vocês.

Veni Sancte Spiritus

Boa noite a todos.